

Boletim Semanal* – 04/2021 – 29 de janeiro de 2021

CAFÉ

**Economista Paulo Sérgio Franzini*

Produção - O Boletim da Safra de Café de janeiro, divulgado pela Conab, confirma que o Brasil colheu em 2020 uma produção recorde estimada em 63,1 milhões de sacas. Para 2021, a primeira previsão aponta diminuição, que pode chegar a 30,5% em comparação com a safra anterior, com volume estimado entre 43,9 e 49,6 milhões de sacas. Os principais fatores desta redução são a bienalidade negativa da produção, principalmente da espécie arábica, e o baixo volume de chuvas registrado nas principais regiões produtoras do país no ciclo anterior.

No Paraná, segundo o levantamento do Deral de 25 de janeiro, com dados atualizados das principais regiões produtoras, estima-se que a produção em 2020 atingiu 961 mil sacas, com produtividade média de 27,8 sacas/ha, numa área produtiva de 34.560 hectares. Este volume, embora seja um pouco superior ao estimado nos recentes levantamentos, é menor do que o potencial esperado no início do ciclo, prejudicado pela forte estiagem ocorrida no Estado durante o ano passado. Para 2021, a previsão inicial aponta para uma produção entre 820 a 915 mil sacas, redução de 5%

a 15% em comparação ao volume obtido na safra anterior. A diminuição da área cultivada e os efeitos da longa estiagem durante o ciclo da cultura são os principais fatores desta queda. A área em produção para este ano está estimada em 33.186 hectares, redução de 4%, e a produtividade média de 26,1 sacas/ha, 6% menor que a da safra anterior. Conforme comentado no Boletim do Prognóstico do Café de outubro de 2020, disponível em www.agricultura.pr.gov.br, a redução da área cultivada após a última colheita se confirmou, perdendo espaço principalmente para a soja em função dos preços altamente atrativos da oleaginosa.

Mercado – Pesquisa semanal do Deral registra que o preço médio recebido pelos produtores em 2020 foi de R\$ 468,37 por saca, o melhor em termos nominais nos últimos cinco anos, e 20,8% superior em comparação ao valor médio de 2019. Em dezembro do ano passado, o valor médio recebido foi de R\$ 521,48, e neste mês os preços se mantêm firmes. A valorização dos preços no mercado físico favorece os produtores e é necessária, pois o setor conviveu com valores muito defasados nos últimos anos em relação ao custo de produção. Segundo levantamento do Deral,

Boletim Semanal* – 04/2021 – 29 de janeiro de 2021

a comercialização atinge 82% do volume obtido na última safra.

FEIJÃO

**Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador*

Primeira Safra

O Paraná cultiva duas safras de feijão. A primeira é conhecida como a safra das águas, plantada no período de agosto a dezembro. A segunda, chamada de safra da seca, é semeada nos meses de janeiro e fevereiro. Em relação à primeira, o atual ciclo está com área estimada em 151,4 mil hectares, redução de 1% em relação à safra anterior. A colheita deve alcançar 283,9 mil toneladas, volume 10% menor que o registrado no ciclo 2019/20. As áreas colhidas em dezembro e janeiro apresentaram uma leve redução na produtividade e qualidade do grão, resultado da estiagem no período inicial da janela de semeadura e das constantes chuvas que ocorrem desde o final de dezembro de 2020. As lavouras colhidas apresentam redução em 7% em comparação ao potencial inicialmente estimado.

Neste momento, aproximadamente 62% da área total plantada já foi colhida e aproximadamente 96 mil toneladas foram comercializadas, o que representa 34% do

volume esperado. Do feijão que ainda se encontra no solo, 9% estão na fase de floração, 18% em frutificação e 73% em maturação.

Segunda Safra (seca)

Já na segunda safra, em torno de 12% do total dos 237,3 mil ha previstos foram semeados. É uma extensão 6% maior que na segunda safra 2019/20. A expectativa é que sejam colhidas 468,7 mil toneladas, o que elevaria em 74% a produção comparativamente ao ciclo anterior. As lavouras se encontram na fase de germinação (41%) e desenvolvimento vegetativo (59%).

Conforme dados do Sistema Meteorológico do Paraná (Simepar), em janeiro, as chuvas foram quase que diárias em grande parte do território paranaense. As precipitações acumuladas medidas nas estações variam de 108mm a 535mm, valores bem superiores às médias dos últimos anos no Paraná. Estas constantes precipitações, e em grande quantidade, trazem prejuízos à produtividade e qualidade do grão da leguminosa, e interferem no valor do preço recebido da colheita dos grãos.

Conforme dados do Deral/Seab, em janeiro, a média mensal dos preços médios

Boletim Semanal* – 04/2021 – 29 de janeiro de 2021

recebidos pelos produtores de feijão foi de RS 261,50/sc de 60 kg para o feijão cores e RS 273,85/sc de 60 kg para o feijão preto.

FRUTICULTURA

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

As Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro/Agrostat - do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento/MAPA, registram os números das exportações e importações na fruticultura, estabelecendo a balança comercial do setor.

Sob o viés das exportações de frutas, incluindo nozes e castanhas, comparando-se o ano de 2011 e 2020, houve uma variação positiva de 6,6% nos montantes transacionados, pois, se no ano passado, foram US\$ 1,0 bilhão vendidos, no início da década os valores eram de US\$ 940,5 milhões.

Por sua vez, os volumes negociados passaram de 749,0 mil toneladas para 1,0 milhão de toneladas, no período analisado, representando um acréscimo de 40,7% nos embarques dos produtos de pomares brasileiros em dez anos.

A evolução da receita não acompanhou os avanços das quantidades comercializadas, pelo fato do preço médio

da tonelada ter reduzido 24,2%, entre o ciclo verificado. Se em 2011 foi de US\$ 1,256 mil, em 2020 praticou-se US\$ 951,0 pela tonelada da fruta nacional.

Pela lente das aquisições de outros países, no mesmo período analisado, os pagamentos decresceram 28,7%, partindo de US\$ 886,1 mil no primórdio, para US\$ 596,0 mil no ano passado. As quantidades importadas, que em 2011 foram de 620,1 mil toneladas, apresentaram uma queda de 27,4%, tendo chegado a patamares de 450,7 mil toneladas. O preço médio da tonelada teve redução de 1,8%, de US\$ 1,347 para US\$ 1,323.

Estes números endossam um ambiente superavitário nas transações financeiras para a fruticultura nacional nos anos em tela, tendo apresentado um deficit de US\$ 95,0 milhões somente em 2014, quando os gastos com importações de frutas superaram as entradas de capital com as vendas externas.

Em outra perspectiva, as reduções nas aquisições de frutas sinalizam a queda na renda da população brasileira, associada ao desemprego e desalento em alta, um crescimento pífio da economia,

Boletim Semanal* – 04/2021 – 29 de janeiro de 2021

além de índices inflacionários superiores às metas, gerando incertezas na demanda.

MANDIOCA

**Economista Methodio Groxko*

As chuvas contínuas em todas as regiões produtoras de mandioca praticamente impediram os trabalhos de campo. Desta forma, os tratos culturais e principalmente as colheitas foram bastante dificultadas durante a última semana.

Segundo os produtores, o maior problema está no transporte da mandioca até as indústrias, pois os caminhões não conseguiram entrar e sair nas lavouras durante os últimos dias.

Por outro lado, é importante lembrar que no mês de janeiro a maioria das indústrias de fécula e de farinha entra em recesso, realiza a manutenção das máquinas e dá férias aos empregados. Assim sendo, a produção industrial é bastante reduzida, porém, neste ano, estima-se que a ociosidade se situe em torno de 60% da capacidade instalada. Acredita-se que a partir de fevereiro as atividades sejam implementadas no campo e nas instalações industriais.

Com pouca produção, os preços, durante a última semana, ficaram praticamente inalterados em todos os segmentos da comercialização. O produtor de mandioca recebeu, no período de 18/01/21 a 22/01/21, um valor médio de R\$ 392,00/t de mandioca posta na indústria. Este preço significa uma redução de 5,5% se comparado ao mesmo período do ano passado, que foi de R\$ 415,00/t de mandioca.

MILHO

**Administrador Edmar W. Gervásio*

Primeira safra de Milho 2020/21

As chuvas intensas e em volumes superiores à média histórica, num primeiro momento, foram benéficas às lavouras, entretanto como boa parte já se encontra em seu ciclo final, a continuação das precipitações pode acarretar em perda de qualidade do produto e trazer incerteza quanto ao volume final a ser produzido.

A área plantada está estimada em 359 mil hectares, um aumento de 0,8% quando comparada à safra anterior. Já a produção esperada, neste momento, é de 3,4 milhões de toneladas, volume 2,6% menor que a expectativa inicial de

Boletim Semanal* – 04/2021 – 29 de janeiro de 2021

produção, que era de 3,5 milhões de toneladas.

Segunda safra Milho 20/2021

O plantio dos 2,36 milhões de hectares da segunda safra de milho ainda não ganhou ritmo no Estado, pois a colheita da soja não começou, tanto por condições climáticas quanto pelo atraso do plantio no início da safra.

Se houver condições climáticas favoráveis devemos ter um volume significativo de plantio no próximo mês, fevereiro.

SOJA

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

O Departamento de Economia Rural divulgou esta semana o relatório mensal referente a janeiro de 2021. Segundo o levantamento, a área semeada nesta safra é de 5,57 milhões de hectares, enquanto a produção está estimada em 20,39 milhões de toneladas. O relatório ainda aponta que, até a semana anterior (18/01), 82% das lavouras estavam em condições consideradas boas, 14% estavam em condições médias e 3% se encontravam em condições ruins.

Esta safra não tem sido tranquila para os produtores paranaenses. No início do plantio, os trabalhos foram prejudicados pelo clima seco, que dificultou a semeadura em algumas regiões. Nos meses seguintes, apesar de chuvas pontuais, o clima seco continuou afetando os trabalhos e trazendo apreensão para algumas regiões do Estado. A partir de dezembro e principalmente em janeiro, o grande volume de chuvas vem castigando parte do Estado e preocupando os produtores, principalmente das regiões Oeste e Sudoeste.

Nas próximas semanas, os técnicos do Deral estarão acompanhando a evolução do quadro e, se necessário, fazendo reavaliações nas estimativas de produtividade e qualidade.

OLERICULTURA

**Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador*

Cebola

O cultivo da cebola apresenta, para esta safra, uma área estimada de 4.325 hectares, 2% superior ao ano anterior; o volume estimado é de 121,5 mil toneladas, 7% maior que a safra passada. Os agricultores já semearam 100% de suas lavouras, e a colheita no Paraná atinge

Boletim Semanal* – 04/2021 – 29 de janeiro de 2021

cerca de 97% do total da área. A comercialização do bulbo abastece o mercado estadual e nacional. Até o final de janeiro, cerca de 75 mil toneladas haviam sido comercializadas, o que representa 61% do total da safra. Restam poucas áreas a serem colhidas e estas se encontram nas regiões de Irati e Laranjeiras do Sul. As principais regiões produtoras do Estado estão localizadas nos Núcleos Regionais de Curitiba, Guarapuava e Irati, que, em ordem, respondem por 49%, 24% e 15% da produção total.

A cotação do preço médio recebido pela saca de 20 kg da cebola no mês de janeiro foi R\$ 29,27. Este valor é superior em 24% aos recebidos em dezembro de 2020. Com a colheita em seu final, os produtores rurais estão de olho nos preços e na armazenagem do produto que ainda não foi comercializado.

APICULTURA

* Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade

Exportação nacional cresceu 50,5% em relação a 2019, alcançando 45.728 toneladas

Segundo o Agrostat Brasil, de janeiro a dezembro de 2020, o Brasil

exportou 45.728 toneladas de mel *in natura*, volume 50,5% maior do que aquele obtido em 2019 (30.384 toneladas). O faturamento em dólares foi de US\$ 98,560 milhões, 44,1% a mais que em igual período de 2019 (US\$ 68,384 milhões). O preço médio nacional do mel atingiu o valor de US\$ 2.155,36/tonelada (US\$ 2,15/Kg), 4,2% a menos que o valor médio de igual período do ano de 2019 (US\$ 2.250,65/tonelada / US\$ 2,25/Kg).

O Paraná (3º lugar) é um dos 3 estados que se destacaram em 2020 na exportação de mel *in natura* (receita cambial: US\$ 18,238 milhões, volume: 9.230 toneladas e preço médio: US\$ 1.975,92/toneladas / US\$ 1,981/kg), com crescimento de 16,3% no volume exportado e 9,5% no faturamento.

Em 2020, Santa Catarina foi o estado que ocupou a primeira colocação (US\$ 22,827 milhões, 10.490 toneladas e US\$ 2,18/kg). Em segundo lugar postou-se o Piauí (US\$ 21,091 milhões, 9.856 toneladas e US\$ 2,14/kg), na 4ª colocação, o estado de São Paulo (US\$ 14,639 milhões, 6.577 toneladas e US\$ 2,33/kg) em 5º o estado do Ceará (US\$ 9,934 milhões, 4.261 toneladas e US\$ 2,33/kg), e em 6º o estado de Minas Gerais

Boletim Semanal* – 04/2021 – 29 de janeiro de 2021

(US\$ 4,908 milhões, 2.104 toneladas e US\$ 2,33/kg).

O principal destino para o mel brasileiro, em 2020, mais uma vez foram os Estados Unidos da América (EUA), com 74,6% de todo o volume exportado: 45.728 toneladas. O volume enviado aos EUA foi de 34.128 toneladas, receita cambial de US\$ 71,265 milhões e preço médio de US\$ 2,09/kg. Um crescimento de 41,2% sobre o volume exportado em 2019 (24.176 toneladas) e de 41,2% sobre o faturamento (US\$ 71,265 milhões).

Os outros principais países importadores do mel brasileiro, em 2020, foram (volume, faturamento, preço médio): Alemanha (5.363 toneladas / US\$ 13,222 milhões / US\$ 2,47/kg), Austrália (1.515 toneladas / US\$ 3,043 milhões / US\$ 2,01/kg), Canadá (1.788 toneladas / US\$ 4,285 milhões / US\$ 2,40/kg), Bélgica (847 toneladas / US\$ 1,870 milhão / US\$ 2,21/kg), Países Baixos (543 toneladas / US\$ 1,193 milhão / US\$ 1,96/kg), Reino Unido (517 toneladas / US\$ 1,159 milhão / US\$ 2,24/kg) e Dinamarca (289 toneladas / US\$ 670.673 / US\$ 2,32/kg).

Produção nacional de mel cresceu 9,5% em 2019, chegando a 45.981 toneladas.

Segundo o IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal (PPM), a produção nacional de mel em 2019 foi de 45.981 toneladas, 8,5% maior que a produção total de 2018, que foi de 42.378 toneladas. Em 2017, a produção nacional foi de 41.696 toneladas. Por estes números do IBGE (PPM-2019), a produção paranaense de mel foi de 7.229 toneladas (14,6% sobre o ano-safra 2018, cuja produção foi de 6.307 toneladas).

OVOS

** Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade*

Ovos e Ovoprodutos: exportações menores em 2020

Segundo o Agrostat Brasil/MAPA, o Brasil exportou, de janeiro a dezembro de 2020, 15.140 toneladas de ovos e ovoprodutos, volume 28,5% menor que o total exportado em igual período de 2019 (21.182 toneladas), obtendo um faturamento de: US\$ 68,925 milhões em 2019 e de US\$ 47,919 milhões (queda de 30,5%) em 2020.

Os itens que compõem o “complexo ovos” são os ovos férteis destinados à incubação, os ovos frescos com casca, ovos cozidos e secos, gemas frescas e cozidas e ovoalbumina. Os itens mais

Boletim Semanal* – 04/2021 – 29 de janeiro de 2021

representativos são os ovos férteis destinados à incubação e os ovos frescos com casca.

No Paraná, o segundo maior exportador nacional, também ocorreu queda tanto em volume (- 21,0%) como em faturamento (- 21,9%), sendo que os números foram: 2019 (volume: 5.992 toneladas / faturamento: US\$ 20,481 milhões) e 2020 (volume: 4.732 toneladas / faturamento: US\$ 15,988 milhões).

O estado de São Paulo foi o maior exportador em 2020, com um volume de 4.771 toneladas e um faturamento de US\$ 22,286 milhões), vindo a seguir o Paraná, o Mato Grosso (volume: 2.467 toneladas / faturamento: US\$ 2,431 milhões) e o Rio Grande do Sul (volume: 1.566 toneladas / faturamento: US\$ 3,427 milhões).

Já os principais destinos de ovos e gemas brasileiros foram: 1º - Senegal (volume: 4.850 toneladas / faturamento: US\$ 16,399 milhões), 2º - Emirados Árabes Unidos (volume: 3.541 toneladas / faturamento: US\$ 3,963 milhões), 3º - Paraguai (volume: 3.318 toneladas / faturamento: US\$ 8,046 milhões), 4º - Arábia Saudita (volume: 611 toneladas / faturamento: US\$ 1,696 milhões), e, 5º -

México (volume: 601 toneladas / faturamento: US\$ 2,763 milhões).

O Brasil ainda exporta poucos ovos e ovoprodutos, já que a maioria da produção (mais de 98%) visa ao mercado interno (consumo *in natura*, indústria alimentícia, consumo institucional - merenda escolar e restaurantes / lanchonetes /foodservice).

Segundo a ABPA - Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), a pandemia de Covid-19 / Sars-Cov-2 influenciou de maneira negativa os volumes embarcados.

Um dos principais destinos do produto brasileiro, que são os Emirados Árabes Unidos, sofreu reduções drásticas em seu turismo por conta da pandemia, o que resultou na diminuição da demanda por ovos, conseqüentemente, das importações do Brasil.

Perspectivas para produção e consumo de ovos no Brasil em 2021

Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) e Instituto Ovos Brasil (IOB), em dez anos, o consumo de ovos no Brasil quase dobrou, já que em 2010 ele era de 148 ovos por habitante em média.

Boletim Semanal* – 04/2021 – 29 de janeiro de 2021

Estima-se que, em 2020, foram produzidos no Brasil 54 bilhões de ovos, 10,2% a mais que em 2019, cuja produção total foi de 49 bilhões de unidades. O consumo *per capita* girou em torno de 250 unidades por habitante/ano, um crescimento de 8,7% em relação ao ano passado, cuja consumo por habitante/ano foi de 230 ovos.

Estimativas da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) sugerem que, em 2021, a produção brasileira de ovos pode aumentar 5% frente ao projetado para 2020 (54 bilhões), passando para 56,7 bilhões de unidades, podendo alcançar um consumo de 265 unidades per capita durante o ano, 6% a mais do que o previsto para 2020 (250 ovos/habitante/ano).

Fiquem conectados no DERAL:

www.agricultura.pr.gov.br

www.facebook.com/deralseab.pr

https://instagram.com/deral_pr

https://twitter.com/do_deral

Informe-se, compartilhe, interaja!